

ENSINO DE LIBRAS PARA ALUNOS DO EJA: DESCRIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO COMO SUPORTE METODOLÓGICO

Tereza Caroline Coelho da Paixão ¹
Leila Cristina Silva Da Silva ²

RESUMO

O presente estudo pretendeu descrever o ensino de Libras para alunos surdos e ouvintes do Ensino de Jovens Adultos (EJA), do ensino fundamental e médio tendo como suporte metodológico o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) em Educação Especial do curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA). Intentamos também, examinar os aspectos metodológicos desenvolvidos para as aplicações das aulas em Libras como intuito de promover a inclusão nessa realidade escolar. Além disso, objetivamos identificar a realidade escolar dos alunos como base para a formulação das atividades de regência e escolhas metodológicas. Como suporte teórico-metodológico, utilizamos Perlin; Strobel (2006), Sperb e Thoma (2012) para a fundamentação teórica da educação das pessoas surdas a partir de aspectos histórico-culturais, como também, para o uso de recursos metodológicos para o ensino de Libras, além de contar com a pesquisa de Scheffer; Bez; Passerino (2014). A pesquisa é de abordagem qualitativa de cunho descritivo, como também, sendo um relato de experiência a partir da observação e prática de regências realizadas através do Estágio Supervisionado Obrigatório. Dessa maneira, observamos que o trabalho pedagógico ofertado em sala de aula, propiciou interesse por parte dos alunos de forma notória ao ser valorizada a explanação cultural das pessoas surdas, além de contar com o suporte de recursos midiáticos que valorizou o ensino baseado em recursos visuais.

Palavras-chave: Ensino de Libras, Aspectos metodológicos, EJA.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história o desenvolvimento das abordagens de ensino para as pessoas surdas passará por transformações desafiadoras, porém positivas, conjuntamente a com emancipação da comunidade surda, pois gerou inclusão e ascensão na sociedade a estes com o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pela Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002, além da sua regulamentação desta por meio do Decreto nº5.626, de 22 de dezembro de 2005.

Dentre as oportunidades de ensino que abarcam os sujeitos surdos, destaca-se o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), sendo este um dos requisitos de explanação do

¹ Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA, terezacarolineee@gmail.com;

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestra em Letras e Linguística, em Ensino e Aprendizagem em Línguas Adicionais, pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Professora Assistente e Sub-Coordenadora do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), leila.cchavez@gmail.com;

presente estudo, na qual, proporciona o acesso à educação às pessoas que por algum motivo interromperam seus estudos em idade prévia ao padrão escolar. Esse sistema de ensino, oportuniza a educação desde a alfabetização até a conclusão do ensino médio, sendo divididos em etapas com no mínimo seis meses de duração (Brasil, 2002).

Dessa forma, as instituições de ensino tentam desenvolver estratégias metodológicas de educação que agreguem e permitem com que o indivíduo surdo não seja apenas inserido na sala de aula, mas sim incluído e tendo representatividade cultural, linguística e entre outras, no corpo estudantil. Porém, esse desenvolvimento educacional não garante a aplicabilidade verídica de ações que norteiam o ensino tal qual como dos ouvintes (Ferreira, 2022).

Diante das informações, surgiu à motivação de pesquisar o questionamento de como as instituições educacionais empregam o ensino de Libras para os alunos ouvintes e surdos, como também, a inclusão destes nas turmas de EJA. A oportunidade partiu da experiência pessoal na realização do Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) do curso de Letras-Libras na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) em uma escola pública na cidade de Belém-Pará.

Durante a realização do ESO, observou-se os desenvolvimentos das aulas, os recursos e estratégias utilizadas pelos professores e a inserção do ensino de Libras para os alunos, além dos resultados gerados após as atividades regência e escolhas metodológicas. Tais pontos, norteiam e abordam a importância de escolhas assertivas nas metodologias utilizadas para o ensino de Libras a estudantes surdos e ouvintes, ainda mais do EJA, além de sua relevância e impacto na comunidade surda.

Com isso, a pesquisa tem por objetivo geral descrever o ensino de Libras para alunos surdos e ouvintes do EJA fundamental e médio tendo como suporte metodológico o ESO em Educação Especial do curso de Letras Libras da UFRA. Nesse sentido, objetivamos identificar a realidade escolar dos alunos como base na preparação das atividades de regência e escolhas metodológicas, além de analisar os aspectos metodológicos desenvolvidos para as aplicações das aulas em Libras como intuito de promover a inclusão nessa realidade escolar.

Por se tratar de uma vivência acadêmica por meio da experiência de observação e prática no ESO, a pesquisa é de abordagem qualitativa de cunho descritivo, sendo também, relato de experiência. A partir dos estudos de Perlin; Strobel (2006), Sperb e Thoma (2012), Scheffer; Bez; Passerino (2014), além de outros, fora fundamentada a

realidade observada na escola, o desenvolvimento da educação de sujeitos surdos e aspectos metodológicos para o ensino de Libras.

No período de observação do ESO, pode-se perceber que o Atendimento Educacional Especializado (AEE) não ocorria no contraturno escolar, os profissionais que ali trabalham direcionavam-se para a sala de aula regular e prestavam papel de tradutor-interprete além de auxiliarem os alunos surdos simultaneamente, fazendo com que os eles ficassem separados dos ouvintes, direcionando assim, a atenção somente para a interpretação do professor do AEE e a dependência de tal profissional em momentos de dúvida.

A partir da situação supramencionada, notou-se que o processo de ensino de Libras para o público daquela sala sofria barreiras e dessa forma, pensou-se em envolver todos os estudantes durante as atividades de regência. Realizou-se então durante as aulas de ensino de Libras, atividades com cunho visual e dinâmico fazendo com que todos os indivíduos interagissem e compreendessem o assunto.

A inclusão ocorreu durante as aulas com a adaptação do material utilizado, tanto para as explicações quanto para as dinâmicas. Dessa maneira, o processo de esclarecimento e absorção do conteúdo fora de forma equalitária para ambos os públicos presentes na sala de aula, no qual, obteve-se a construção de conhecimentos e o papel dos recursos tecnológicos foram relevantes para a aprendizagem dos alunos.

Com isso, os aspectos propostos no ESO proporcionaram contato com a realidade de alunos do EJA e a aplicação de conhecimentos adquiridos durante a graduação que permitiram com que ocorresse impacto positivo no ensino de Libras a esse público. A explanação cultural, linguística e a interação social entre os estudantes trouxeram representatividade e inclusão a comunidade surda naquela realidade escolar.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se do tipo básica, sendo esta, com finalidade de adquirir conhecimentos sem aplicações práticas, e de abordagem qualitativa de caráter descritivo, ou seja, os dados obtidos foram analisados indutivamente além de não haver informações com fins quantificáveis, são interpretações básicas dos fenômenos. As informações para mover e teorizar o estudo, partiram-se de relato de experiência com base na observação e prática de regências realizadas por meio do ESO (Rodrigues *et al*, 2007).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o período de observação do ESO, notou-se, a priori, o deslocamento dos profissionais do AEE (Atendimento Educacional Especializado) para a sala de aula regular, prestando papel de intérprete/tradutor e docente do AEE simultaneamente durante a aula do professor titular. Tal situação, esclareceu-se antes do contato com os estudantes surdos por esses mesmos profissionais, a justificativa para o ocorrido, foi a de que os alunos surdos são da turma do EJA e maiores de idade, tendo portanto, obrigações pessoais nos outros turnos, não tendo tempo de ir ao AEE.

Sperb e Thoma (2012, p.60), relatam esse mesmo desafio em uma pesquisa realizada no norte do Rio Grande do Sul no qual uma professora e três alunas surdas do AEE foram participantes.

(...) Ainda reconhece que a orientação do AEE é de que estes alunos sejam atendidos todos os dias, porém isto não é possível, visto que muitos moram longe da escola e precisam do transporte escolar para se deslocar. Para muitos alunos é cansativo ficar o dia todo na escola e, em época de provas escolares, eles precisam estudar à tarde; outros trabalham.

No decorrer das aulas, o professor do AEE tinha duas funções e isso trouxe desafios para demanda de alunos surdos na sala de aula. Ocorreram situações de alguns surdos omitirem a sua dúvida por conta do docente especializado está ajudando outro estudante surdo. Há várias dificuldades de aprendizado pois eles são atendidos de forma coletiva, sendo que o atendimento singular é prioritário por conta da individualidade de cada discente (Sperb e Thoma, 2012).

Ademais, percebeu-se que não houve aproveitamento de estratégias, por parte dos professores regulares, que envolvessem os alunados surdos nas atividades ou durante as aulas. Eles ficavam em grupo voltando a atenção somente para a interpretação e tradução do professor do AEE e a sua explicação em certas dúvidas. É imprescindível que haja capacitação, organização e adaptação por parte dos professores para ministrarem aulas de qualidade ainda mais tratando-se de educação voltada a pessoas com deficiência (Glat e Fernandes, 2005).

Essa oportunidade de adaptação serve para a construção de um conteúdo educativo onde se adequa as singularidades do aluno especial, pois quando se fala em educação imediata, não se trata de desativar o que já está funcionando, mas articular métodos. As escolas comuns e instituição de educação especial precisam compreender e aceitar a existência dessas diferenças e suas diversidades para que haja uma formação adequada, há várias formas de construir o conhecimento, nessa etapa não será só o papel do professor, mas sim de toda comunidade que está no entorno do aluno (Belarmino, 2019; p.18).

Os discentes surdos mesmo sendo maiores de idades necessitam de metodologias de ensino e suporte para obterem aproveitamento no desempenho escolar. A escola precisa oferecer capacitação aos professores para repensarem as estratégias de ensino em uma sala de aula mista, ou seja, com ouvintes e surdos. A articulação de ensino na educação especial e inclusiva irá beneficiar ambos os públicos além de os envolverem durante o processo educacional (Berlamino, 2019).

A partir das situações observadas no ESO, foram elaboradas e ministradas oficinas, para toda a comunidade escolar, com foco no ensino da Libras nível básico, no qual, pretendeu aproximar os alunos a dinâmica educacional vigente da escola escolhida. Na sala de aula estavam presentes alunos surdos e ouvintes, como também, professores do AEE. Apesar de ambos terem percepções distintas de mundo, sendo o primeiro de cunho visual-espacial e o posterior oral-auditiva, houve o contato entre eles, sendo favorecido o desenvolvimento do aprendizado misto (Scheffer, Bez e Passerino, 2014).

Dessa forma, pode-se perceber que o ensino, no presente contexto, envolve pessoas de culturas e línguas distintas, ou seja, há variedade social neste espaço escolar que deve ser trabalhada em conjunto. O professor precisa estimular a troca de experiências juntamente a comunicação e harmonia identificando diversos métodos e metodologias assertivas para essa interação. Com isso, na primeira aula, repassou-se o conteúdo de forma dinâmica e que houvesse troca de experiência, no qual, obteve-se êxito entre o público surdo e ouvinte (Santos, 2021).

Durante as ministrações, notou-se que houve sentimento de reconhecimento e valorização da Libras por parte dos estudantes surdos. Logo, Perlin e Strobel (2006, p.19) pontuam a pedagogia surda no quesito de tratar “a modalidade da ‘diferença’, na qual, se fundamenta na subjetivação cultural” e “é uma modalidade querida e sonhada pelo povo surdo, visto que a luta atual dos surdos é pela constituição da subjetividade ao jeito surdo de ser.” A pedagogia surda valoriza os traços culturais da diferença e traz consigo a

representação da comunidade para se obter espaço de direito na sociedade e no que se trata a realidade abordada, na educação.

Para proporcionar aulas interativas e harmônicas, alguns recursos escolares foram utilizados, como por exemplo, a projeção de slides por meio do aparelho Datashow. Nos slides, haviam bastante imagens e breves palavras. Como se favoreceu a visualidade, percebeu-se que durante as aulas e explicações, o entendimento por parte dos alunos ficou mais claro. Tornando assim, a aula dinâmica e com recursos que contemplavam ambos os sujeitos.

Discussões à parte, as tecnologias ou mídias digitais têm trazido, sem dúvida, possibilidades reais de inclusão, participação e crescimento para esse alunado, e quando adotadas como ferramentas educacionais, podem qualificar muito o nível de ensino, acelerar o processo de pesquisa e ressignificar o conceito linear do saber, democratizando o processo de construção do conhecimento para esses educandos (Scheffer, Bez e Passerino, 2014, p.320).

A inclusão fora estimulada durante as aulas a partir adaptação do material utilizado, tanto para as explicações, quanto para as dinâmicas. Dessa maneira, o processo de esclarecimento e absorção do conteúdo fora de forma equalitária para ambos os públicos presentes na sala de aula, no qual, obteve-se a construção de conhecimentos e o papel dos recursos tecnológicos foram relevantes ferramentas educacionais no processo de ensino-aprendizagem (Scheffer, Bez e Passerino, 2014).

O trabalho pedagógico ofertado em sala de aula, propiciou interesse por parte dos alunos de forma notória. Além dos recursos midiáticos, o professor do AEE estava presente com a atuação de tradutor-intérprete e para a realidade de inclusão naquele espaço, cada um teve seu papel. Para Santos (2021), o professor regular não necessita ter conhecimento em aspectos de tradução e interpretação da Libras, pois a escola deve promover estímulo ao sistema educacional inclusivo disponibilizando tal profissional em sala de aula.

O principal papel do intérprete é a intermediação na comunicação entre o aluno surdo para com o ouvinte, professor, colegas e a equipe escolar. Sendo seu papel de servir como tradutor e compartilhar a língua, ele, todavia, precisa ter em mente que seu contato não pode ser maior que o professor de sala. Assim,

a questão principal não é apenas traduzir o conteúdo que foi exposto pelo professor regular, mas torná-lo mais acessível no que concerne a função educar (Santos, 2021, p.19).

O tradutor-intérprete proporciona interação entre o aluno-professor, professor-aluno e aluno-aluno na comunicação. Ou seja, em um espaço de sala de aula inclusiva, deve haver o máximo de recursos e profissionais capacitados para que o aluno surdo receba a educação proporcional a do aluno ouvinte. Cada detalhe de investimento faz a diferença e proporciona uma relação construtiva e crescente de educação (Santos, 2021).

Portanto, percebeu-se que durante do período de regência do presente estágio, a comunidade escolar como um todo que participou das oficinas, obteve um desempenho significativo ao contato com a Libras nível básico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências obtidas durante o Estágio Supervisionado Obrigatório I em Educação Especial do curso de Letras Libras da UFRA, contribuiu significadamente para a atuação como futura professora a partir de aplicabilidades do conhecimento obtido durante a graduação aos alunos surdos e ouvintes do EJA, além de permitir explorar práticas de ensino com base nas problemáticas encontradas a fim de saná-las.

Pode-se refletir o quão importante é o papel do professor em relação ao olhar de reconhecimento as necessidades dos estudantes e a prática constante em reformular a educação com base na realidade presente no ambiente de ensino, ainda mais com públicos distintos. Além da necessidade do trabalho em conjunto de todos os profissionais que ali se encontram, como os professores do AEE, tradutores-intérpretes, professores regulares e demais contribuintes.

No período de observação, pode-se perceber como funciona a dinâmica escola na sala de aula inclusiva, no qual, pelo fato dos alunos surdos não frequentarem o AEE nos contraturnos (manhã e tarde), os professores voltados para esse atendimento, estavam presente na sala de aula realizando a função de tradutor/intérprete. Alguns professores titulares, conversavam com os profissionais do AEE para buscar estratégias de adaptação de certas atividades e aulas para um ensino equalitário tanto para o público surdo, quanto para o ouvinte.

Apesar das problemáticas encontradas na escola, o momento das aplicações da regência fora imprescindível, pois obteve-se uma experiência ímpar com todos os alunos, devido a formação profissional ofertada na graduação, onde teve-se contato teórico com várias metodologias de ensino, no qual, pode ser usada neste momento do ESO. Então, nas aulas ministradas, o desempenho dos discentes mostrou os resultados de toda uma base teórica e prática aprendida no decorrer do curso.

REFERÊNCIAS

BELARMINO, Erotildes. Educação especial: As metodologias no ensino fundamental para a prática da inclusão nas escolas públicas e privadas. **Revista Inclusiones**, p. 243-258, 2019. Disponível em: <http://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/1979> Acesso em: 16 jul. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Brasília, 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br> Acesso em: 16 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 16 ago. 2023.

BRASIL. Proposta curricular para a educação de jovens e adultos. Ministério da Educação. Brasília, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf Acesso em: 16 jun. 2024.

FERREIRA, Islânia Raylla Dos Santos. EJA para alunos surdos: um novo olhar sobre a educação inclusiva. Caraúbas, Rio Grande do Norte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/d9fc4245-e60a-407c-8ea1-a012b952cfe2/content> Acesso em: 16 jun. 2024.

GLAT, Rosana; FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Da educação segregada à educação inclusiva: Uma breve reflexão sobre os paradigmas educacionais no contexto da educação especial brasileira. **Revista Inclusão**, v. 1, n. 1, p. 35-39, 2005. Disponível em: <http://forumeja.org.br/br/sites/forumeja.org.br/files/Da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Segregada%20%C3%A0%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Inclusiva.pdf> Acesso em: 15 jul. 2022.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. Fundamentos da educação de surdos. Florianópolis: UFSC, 2006. Disponível em: https://moodle.ifsc.edu.br/pluginfile.php/263306/mod_resource/content/1/STROBEL%2C%20K.%20PERLIN%2C%20G.%20Fundamentos%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20surdos.%20%28livro%20did%C3%A1tico%29.pdf Acesso em: 15 ago. 2024.

RODRIGUES, William Costa et al. Metodologia científica. **Faetec/IST. Paracambi**, v. 2, 2007. Disponível em: https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf Acesso em: 15 jul. 2024.

SANTOS, Jucimar da Silva. **Os desafios encontrados no ensino de libras em escolas do ensino regular: uma pesquisa bibliográfica**. Dissertação de Mestrado, Patos-Paraíba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifpb.edu.br/jspui/handle/177683/1275> Acesso em: 05 ago. 2024.

SCHEFFER, Maira Lúcia Cervieri; BEZ, Maria Rosangela; PASSERINO, Liliana Maria. Mídias digitais na educação de surdos. **Objetos de aprendizagem: teoria e prática**. Porto Alegre: Evangraf, 2014. P. 310-330, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/193580/000937233.pdf?sequence=1> Acesso em: 16 jul. 2022.

SPERB, Carolina Comerlato; THOMA, Adriana da Silva. Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Educação de Surdos. **Textura Revista de Educação e Letras 14.25**, 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/50363271/937-2302-1-PB.pdf> Acesso em: 10 jul. 2022.